

DA MINHA JANELA

DO

TEMPO

DADOS TÉCNICOS

Capa & contracapa – Gustavo Zanelato

Diagramação – Elío Moreira

Revisão – Melissa M. Zanelato Diniz e Valmir Zanelato

Revisão final – Marizete Colares Cardoso

Endereço do autor: Torres – CEP: 95.560-000

Rio Grande do Sul – Brasil

Dados de catalogação da publicação:

Zanelato – Valmir

Da Minha Janela do Tempo – Crônicas Biográficas

Literatura – Brasileira

164 – Páginas – Palavras – 32.797

1ª. ed. – 2014--2ª EDIÇÃO REVISADA EM JANEIRO 2017

NLZ – 001

IDNE – 060

Formatação de capa: Foto Arte - Vanessa Zanelato



Direitos de publicação reservados a Valmir Zanelato.

É proibida a reprodução total ou parcial da obra sem o conhecimento prévio do autor, de acordo com a lei n.º 9.610 - 98 – Direitos Autorais.

PALAVRAS DO AUTOR

Dos meus sonhos de adolescência, creio eu que o que mais vivo se mantém ainda dentro do peito e na minha alma é aquela ansiedade de expor o que guardo no mais íntimo do meu ser.

Diz um velho e sábio ditado: “Mais sábio é aquele que ouve quem sabe ouvir!”.

Desde o mais remoto tempo da minha infância, já não tanto nos dias de hoje, que eu lembre, sempre dei espaço aos outros na hora de falar, de expor algum ponto de vista. Relembro ainda hoje, como se fosse ontem, da minha infância, do meu tempo de criança. E quem não lembra com saudades esse tempo que ficou para trás? Quem um dia não foi criança? Qual daquelas crianças de outrora que, pelos bons ensinamentos dos seus pais ou mesmo não, uma ou mais vezes foi obrigada a deixar de lado, esquecer a sua grande vontade de também expor o seu ponto de vista para ter que ouvir primeiro os mais velhos dizerem o que eles pensavam sobre esse ou aquele assunto? E o seu ponto de vista ficou para trás, foi deixado de lado, perdido no tempo.

Portanto, aceito e acho natural que, depois de tanto tempo, aos outros eu ficar a ouvir, venha à tona este meu anseio, esta vontade de também alguma

coisa poder falar, poder escrever.

Este livro, *Da Minha Janela do Tempo*, é um convite a um mergulho em um passado, ao meu passado, ao passado de cada um de nós. É uma nova oportunidade do hoje, do presente de cada um, poder esticar as pernas e dar um pulinho naquele passado existente de outrora.

Querer voltar aqueles tempos quando tudo parecia ou eram dias puros, sem sombras, para então de qualquer lugar, de onde quer que se esteja, melhor poder outra vez ouvir, escutar e reviver os melhores momentos da sua e *Da Minha Janela do Tempo*.



PALAVRAS DE UM GAÚCHO AMIGO

Tropeiro da música gaúcha
A lenda viva do Rio Grande do Sul

Ao me reportar ao livro **Da Minha Janela do Tempo**, obra do meu grande amigo, afilhado e compadre, também poeta, cantador e sanfoneiro, me faz jus elogiar e afirmar como é bom existirem obras de natureza modesta, alegres e com contos que fazem terapia às nossas almas, tal como ocorre com este livro.

Parabéns, Valmir!

Almejo que continues escrevendo
coerentemente e expandindo a tua alma poética.

Abraços,

Adelar Bertussi

*Ao me reportar ao livro
"Da minha janela do tempo", obra do
meu grande amigo, afilhado e compadre,
também poeta, cantador e sanfoneiro, me faz jus
elogiar e afirmar como é bom existirem obras de
natureza modesta, alegres e com contos que
fazem terapia às nossas almas, tal como ocorre
com este livro.
Parabéns Valmir, almejo que
continues escrevendo, coerentemente e
expandindo a tua alma poética.
Adelar Bertussi*

Prefácio



No decorrer da vida o homem coleciona milhares de lembranças em seu coração e em sua vivência vai acumulando fatos de um belo período que fica estagnado em seu inconsciente, sejam em inocentes brincadeiras juvenis, seja na seriedade escolar e até mesmo numa simples árvore frutífera – tal como narrado, esplendidamente, em *Meu Pé de Gabioba*. Mas o homem certo dia para e, nesse parar, recorda-se de uma época que já se faz tempo longínquo. Admirado, nota quão ligeiro o tempo passou e nisso chega ao momento das reminiscências em que ele sente necessidade de extravasar suas saudades, e, o principal, compartilhar aquilo que pela janela do tempo, “o seu tempo”, ele um dia presenciou.

Valmir Zanelato é um desses homens que, mesmo sem o perceber, um belo dia parou, e então sentiu desfilar, pelo consciente, o passado da sua vida. Caneta e papel em mãos, ele começou do início fielmente a escrever, em estilo diferenciado, o que por tempos esteve guardado em seu inconsciente. Em seus contos, relata as lutas no princípio de carreira e a complexidade para alcançar o patamar que hoje lhe

faz feliz e realizado – verdade incontestável que vem a culminar com a publicação deste belíssimo volume, *Da Minha Janela do Tempo*.

Valmir Zanelato, sem ser presunçoso e sendo um batalhador que buscou na dignidade a construção de seu particular império, sente o aprazimento do que adquiriu, tanto moral como materialmente. É certamente o próprio homem com seus atos e atitudes, usando a honestidade como arma fundamental, quem glorifica o futuro. Depois, na honradez, chega o dia em que ele passa a desfrutar da paz por excelência, por merecimento recebendo os louros de sua vitória. Por isso, a partir de hoje Valmir passa a deixar autografado seu nome nas páginas de sua história.

Valmir Zanelato é um dos prósperos empresários de Torres e uma das pessoas mais benquistas pela comunidade, sendo o montante de suas amizades algo de se admirar. Valmir tem a grata satisfação de trazer enraizada em seu íntimo a nobre arte e, para desenvolvê-la, fez-se poeta e compositor. Maneja as palavras com facilidade e traz em seu currículo várias participações em concursos gauchescos de poesias. Suas composições circulam pelo Brasil em CDs gravados pelo espetacular conjunto Irmãos Bertussi, cujo membro principal,

Gilney Bertussi, assumiu o cargo de seu pai, o inigualável Adelar Bertussi – conhecido como O Tropeiro da Música Gaúcha.

Desde há muito Valmir Zanelato escreve poemas e músicas românticas com um desprendimento que só se encontra em pessoas que têm a sensibilidade à flor da pele. Assim como fala de doces amores, também escreve, em linguajar próprio, belas prosas descrevendo as tradições gaúchas, deixando esclarecido o seu amor pelo Rio Grande do Sul. Também nelas esclarece o soberbo de um amor que o gaúcho dedica à sua prenda, reconhecendo nela belezas resplandecentes e, na exaltação de qualidades, a total valorização.

Valmir Zanelato hoje trilha na carreira de escritor e me concede o privilégio de prefaciar o seu primeiro livro, o que faço com evidente satisfação. Além de sermos amigos-irmãos, ele sabe que encontra em mim o reconhecimento valorizado nesta difícil arte: saber manejar as letras. Neste livro, Valmir traz a público contos biográficos cuja excelência da narração por certo passará a encantar os leitores. Ele fala de seus tempos de criança, das saudosas e criativas aventuras que em conjunto com seus irmãos eram praticadas no belíssimo lugar onde nasceu e viveu grande parte de sua adolescência.

Descreve, com igual maestria, os tempos delicados de quando tinha que fazer o melhor pela criação dos filhos. Fala das peripécias angustiantes de algumas dolorosas separações familiares.

Torres, por graças da natureza, é um esplêndido paraíso e um celeiro de artistas de onde se destacam aqueles que sentem correr em suas veias o sangue literário, para o qual, doravante, incorpora-se Valmir Zanelato, que, apesar de poeta e compositor, ainda se encontra no ostracismo em matéria de publicação de livros. A partir deste, porém, conhecendo como conheço a sua disposição para escrever, creio que muitos outros livros brevemente passarão a enriquecer os títulos das editoras e as estantes das livrarias.

Valmir Zanelato, com o coração a explodir de alegria, desejo-lhe felicidades pelo caminho que passas a trilhar. Sinto-me feliz de ter como colega de letras primoroso escritor e tenho plena convicção de que seu livro terá absoluta aceitação, sendo estrondoso o sucesso entre os leitores.

Fraternos abraços,



Elio Moreira

DA MINHA JANELA DO TEMPO



Nos dias de hoje, melhor do que em qualquer tempo dos idos dias meus, da "minha janela" eu posso melhor observar as lembranças de tudo que para trás deixei, e que, mais vivas do que nunca, se mantêm nas minhas mais doces recordações.

Parece-me que naquele tempo em que eu era ainda criança, em que sempre ao lado dos meus irmãos me encontrava e mais tempo ficava perto de minha mãe, mais amor eu tinha dentro de mim para dar, distribuir e dedicar a todos eles.

Pode até ser uma falsa impressão esta que trago comigo, mas, não querendo fazer uma comparação pouco desmedida, também antigamente as pessoas – como, por exemplo, os nossos vizinhos – um pouco afastado da nossa casa moravam, e todos, com pouco mais de 40 anos de idade, me pareciam bem mais velhos se comparados aos que hoje mais idade têm.

A minha mãe não passava de 1,65 metro de altura e me parecia bem mais alta do que nos dias de hoje. Aquela lomba na estrada, em frente à velha casa de madeira do seu Antoninho, hoje me parece mais amena, eu até poderia arriscar que, com os maquinários atuais, andaram desgastando e baixando

aquele antigo morro.

Mas na verdade o bom senso me faz, assim como a todos, aceitar a realidade.

E voltando aos sentimentos que eu dispensava a todos da minha família, aos pequenos amigos da minha ida infância, esses sim, acredito eu, foram bastante desgastados. E o que importa falar desse tempo, alguns perguntariam, já que no presente pouco tempo temos para lhe dar atenção? O que há de errado em nosso amor, em nosso carinho, na nossa atenção para com a nossa família, aos amigos e aos vizinhos?

Todos os seres humanos foram criados à imagem e semelhança do criador, muito embora os sentimentos difiram entre alguns. E no mais, embora exista essa grande diferença, em se falando de sentimentos, todos, de uma maneira ou outra, trazem dentro de si saudosas (grandes ou pequenas) boas recordações do tempo vivido outrora.

Uns até preferem deixar de lado suas recordações, que muitas vezes mexem demais com seus sentimentos. Por saberem que nada mais poderão fazer para essa boa fase da vida voltar, preferem de tudo esquecer, deixar de lado e só do presente viver. Outros procuram manter aberta a sua "janela do tempo" e de lá, através da sua vidraça um

pouco antiga e turva, vislumbram, percorrem e mantêm vivas as recordações de seu belo tempo vivido na infância e na sua juventude, considerado por muitos como o melhor tempo já vivido.

Mas o que mais me faz pensar, quando "da minha janela" observo, é como eu acima mencionei, o amor parece ter diminuído dentro do meu coração.

Teria esse amor se desgastado somente dentro de mim ou também diminuiu dentro de alguns ou de todos os corações?

Pode ser que esse amor grandioso e forte que eu lembro de ter sentido na minha infância – devido o ter diluído com mais pessoas, como, por exemplo, minha namorada, a esposa e com os próprios filhos – tenha diminuído a intensidade. Diminuiu? Eis que a resposta, até os dias de hoje, ainda não a encontrei dentro de mim!

Ainda assim, se por desventura assim o for, ficarei eu aqui a chorar de saudades daquele antigo e forte amor que um dia carreguei dentro de mim e que hoje, só através “da minha janela do tempo” já bastante desgastada, consigo vislumbrar, ver e sentir.



JUVENTUDE



Lembro-me hoje, melhor do que nunca, os sentimentos que eu fiz passarem os meus pais, principalmente a minha carinhosa e doce mãe, no auge de minha saudosa juventude.

A descoberta dos dias coloridos que estavam a acontecer na minha adolescência ainda me traz reflexos que transparecem vivos e presentes, os quais se encontram, todos os dias, estampados em cada semblante dos jovens de hoje – meus espelhos do passado.

O que parecia que por demais demoraria na minha vida, no meu passado, ou seja, os meus 18 anos, a minha independência, poder ser dono de mim mesmo, deixar de dar satisfações em casa, hoje eu sinto como se fosse um relâmpago que aconteceu e rápido passou – se foi.

Durante a minha ansiosa e longa espera pelos 18 anos, parecia que cada ano havia sido multiplicado por 10. Mas hoje me parece que, em vez de ter acontecido a multiplicação, nos dias passados por 10 foi dividido o tempo. Por isso, tão pouco tempo por mim passou.

Enquanto durava essa minha longa espera, eu não percebi e nem senti o que acontecia na minha

relação com os meus pais, que cada vez mais começavam a sentir as minhas mudanças de hábito. Eles se mantinham os mesmos e já haviam se esquecido das mudanças, que, embora menos manifestadas, também se fizeram presentes em suas idas juventudes.

Comecei aos poucos, sem me aperceber e bem devagar, a chegar mais tarde em casa. Deixava mais a minha mãe preocupada do que o meu pai, já que ele, devido ao seu trabalho, costumava ficar fora de casa vários dias, às vezes até mais de um mês. E o tempo passava e eu ia cada vez mais me afastando deles, dos irmãos e do meu lar.

Não raras vezes, às “altas horas”, como a minha mãe costumava se referir à madrugada, eu chegava e a encontrava ainda à minha espera. Acordada, ela só iria “pegar no sono” bem depois de quando eu fosse me deitar e já estivesse dormindo.

Tantas agruras, mesmo sem querer, fiz a minha mãe passar! Suas conversas, pedidos e conselhos, como hoje se diz, “entravam por um ouvido e saíam pelo outro”. Apesar disso, embora naquela época pouquíssimos dos seus conselhos eu os tivesse posto em prática, nem mesmo o tempo conseguiu fazer com que os apagasse da minha memória e os esquecesse de vez.

Permaneceram por muitos e muitos anos dentro da minha cabeça, dentro de mim, os conselhos de minha mãe. Já com os meus filhos crescidos, tendo o mais novo deles passado dos 18 anos, retorno hoje, em pensamento, ao meu passado. Para melhor compreendê-lo, revivo o tempo em que passava por essa idade. Ele, assim como eu antigamente, me faz passar exatamente por todas as preocupações pelas quais a minha amada e querida mãe passou.

Hoje eu sofro ao lembrar das preocupações que causei a minha mãe naqueles dias. Sofro ao esperar o meu filho para casa voltar. Fico a imaginar por onde ele anda a essas “altas horas” da noite. Por onde? E com quem ele está? O que faz? Será que ele está bem? Não está a sofrer por algum motivo qualquer, seja banal ou coisa mais séria?

De uma coisa hoje eu tenho absoluta certeza, estou a sentir exatamente tudo que os meus pais um dia sentiram!

As lições aprendidas não esquecemos jamais, necessário aprender para a alma aperfeiçoar.



DA MINHA JANELA



Os meus sonhos e pensamentos se perdiam, iam além, muito além do que eu podia enxergar ali da minha janela, de onde, envolto nos meus sonhos de jovem sonhador, passava tardes e mais tardes fazendo companhia à minha mãe. Nesse tempo, com sua antiga máquina de costura, costurando “para fora” ela defendia com sua árdua labuta o sustento da família, perdurando a sua jornada de trabalho desde as primeiras horas da manhã às altas horas da noite.

Sentado numa antiga e desgastada cadeira de madeira, com o encosto e o assento de palha, eu ficava a olhar o horizonte, imaginando o dia em que teria a coragem de chegar à minha mãe e lhe falar dos meus sonhos, da minha vontade de um dia partir, sair dali, seguir mundo afora em busca do que nem sequer imaginava ser. Com o coração e alma de um jovem sonhador, era isso o que eu mais queria naqueles dias.

Era a liberdade que me chamava e atormentava os meus momentos, os meus dias, fazendo com que eu perdesse a paz tão natural que só é encontrada dentro do peito de cada jovem nessa fase, pela qual eu então passava.

Os meus pensamentos esvoaçados partiam para bem longe de tudo e do seguro mundo em que eu havia sido criado. Humilde era sim, mas grande amor houvera sempre dentro daquele lar ao lado dos meus queridos irmãos, da minha amorosa mãe e do meu severo e não menos querido pai.

Vinha-me uma grande vontade de largar tudo e partir pelo mundo afora, em busca do “não sei o quê”. Ao mesmo tempo, eu sentia em meu peito, pela primeira vez, um aperto até então desconhecido.

Era grande a vontade de partir. Mas deixar para trás os meus irmãos e mais ainda os meus pais, a cada momento que pensava na partida, fazia aumentar mais o aperto no meu peito. Então, de uma maneira antes por mim desconhecida, uma torrente de lágrimas se desprendia em meu interior, que, em silêncio e ao seu modo, punha a chorar todo o meu ser, nunca deixando, porém, transparecer por fora, em meu semblante, o que bem disfarçava e escondia. Fazia parecer aos meus pais que aquele jovem era forte, mas sem saber que mais forte era a vontade de partir, seguir à procura das suas fantasias, dos seus sonhos, da tão desejada e sonhada liberdade.

Os meus pais pareciam adivinhar os meus pensamentos. Meu pai me dava conselhos, mostrando e dizendo que o mundo lá fora não era